



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

**PRODUÇÃO DE VIDA E MANUTENÇÃO DA EXISTÊNCIA EM UM
COTIDIANO PANDÊMICO: PERSPECTIVAS, EXPERIÊNCIAS E
REFLEXÕES DE DOCENTES DE TERAPIA OCUPACIONAL**

Priscila Barbosa Lins Falcão

JOÃO PESSOA

2022

PRISCILA BARBOSA LINS FALCÃO

**PRODUÇÃO DE VIDA E MANUTENÇÃO DA EXISTÊNCIA EM UM
COTIDIANO PANDÊMICO: PERSPECTIVAS, EXPERIÊNCIAS E
REFLEXÕES DE DOCENTES DE TERAPIA OCUPACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a Conclusão do Curso de Bacharelado em Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba.

Orientador (a): Profa Dra Andreza Aparecida Polia
Coorientador (a): Prof Dra Ana Lúcia Basílio Carneiro

JOÃO PESSOA

2022

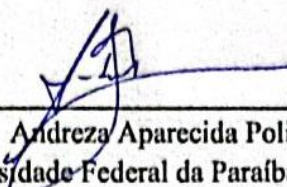
PRISCILA BARBOSA LINS FALCÃO

**PRODUÇÃO DE VIDA E MANUTENÇÃO DA EXISTÊNCIA EM UM
COTIDIANO PANDÊMICO: PERSPECTIVAS, EXPERIÊNCIAS E
REFLEXÕES DE DOCENTES DE TERAPIA OCUPACIONAL**

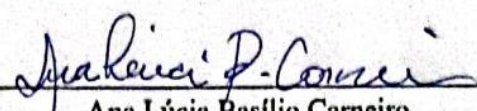
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a Conclusão do Curso de Bacharelado em Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba, apreciado pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Aprovado em: 06 / 06 / 2022

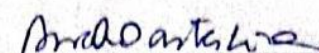
COMISSÃO EXAMINADORA



Andreza Aparecida Polia
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Ana Lúcia Basílio Carneiro
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Ana Carollyne Dantas de Lima
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Marília Meyer Bregalda
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

SUMÁRIO

FOLHA DE ROSTO DO ARTIGO	4
RESUMO/ABSTRACT	7
1 INTRODUÇÃO	8
2 METODOLOGIA	9
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	14
3.1 A ocupação humana como forma de existir, sentir e produzir vida	14
3.2 Cuidado do outro e com o outro para suportar a rotina de perdas	17
3.3 Cotidiano, corpo e mente “pandemizados”	20
3.4 A linha tênue entre o ser humano, o ser docente e o ser terapeuta ocupacional	24
4 CONCLUSÃO	28
REFERÊNCIAS	29

**PRODUÇÃO DE VIDA E MANUTENÇÃO DA EXISTÊNCIA EM UM COTIDIANO
PANDÊMICO: PERSPECTIVAS, EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES DE DOCENTES
DE TERAPIA OCUPACIONAL**

PRODUCTION OF LIFE AND MAINTENANCE OF EXISTENCE IN A PANDEMIC
DAILY: PERSPECTIVES, EXPERIENCES AND REFLECTIONS OF OCCUPATIONAL
THERAPY TEACHERS

PRISCILA BARBOSA LINS FALCÃO

Acadêmica do curso de Terapia Ocupacional
Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3604-9821>
Contato: priscilablalcao@gmail.com

ANDREZA APARECIDA POLIA

Doutora em Linguística
Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4061-144X>
Contato: andrezapolia@gmail.com

ANA LÚCIA BASÍLIO CARNEIRO

Doutora em Biotecnologia
Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2035-8328>
Contato: analucarneiro@gmail.com

Esse material faz parte de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso

Trabalho submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Parecer 4.932.206)

Esse trabalho ainda não foi apresentado em nenhum congresso ou afins

Contato: Andreza Aparecida Polia, Departamento de Terapia Ocupacional, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal da Paraíba, Campus I, s/n, Castelo Branco, CEP 58051-900, João Pessoa, PB, Brasil, e-mail: andrezapolia@gmail.com, Tel. (83) 98633-0569

Fonte de financiamento: Essa pesquisa teve financiamento próprio das autoras e não recebeu financiamento de nenhuma agência de fomento

Contribuição dos autores: Priscila Barbosa Lins Falcão- concepção do texto, pesquisa bibliográfica, organização das fontes, análise de dados, discussão de resultados e redação do texto; Andreza Aparecida Polia- concepção do texto, organização da análise dos dados qualitativos, orientação do trabalho e revisão final do texto; Ana Lúcia Basílio Carneiro- concepção do texto, análise dos dados quantitativos, coorientação do trabalho e revisão final do texto. Todos os autores aprovaram a versão final do texto. Esse texto é original e inédito e não está sendo avaliado para publicação em outra revista

RESUMO

Introdução: A "produção de vida" pode ser interpretada como modos de existir no mundo por meio de um *continuum* de atividades que promovem o sentido e a recriação da vida. Na pandemia, diversas mudanças afetaram o cotidiano dos indivíduos, que deixaram de viver uma realidade pré-existente para encarar uma nova forma de existir no mundo. **Objetivo:** Analisar a relação entre o cotidiano, a Terapia Ocupacional e a produção de vida no contexto da pandemia da COVID-19, através das perspectivas, experiências e reflexões de docentes universitários do curso Terapia Ocupacional de uma universidade pública do Nordeste brasileiro. **Método:** Trata-se de uma pesquisa observacional, de corte transversal e com caráter quanti-qualitativo. **Resultados:** A pesquisa teve adesão de 100% dos docentes ativos, esses com idade entre 25 e 61 anos, prevalência do sexo feminino (94,7%), autodeclarados brancos (68,4%) e heterossexuais (79,0%). As categorias elencadas foram: (I) A ocupação humana como forma de existir, sentir e produzir vida; (II) Cuidado do outro e com o outro para suportar a rotina de perdas; (III) Cotidiano, corpo e mente "pandemizados" e (IV) A linha tênue entre o ser humano, o ser docente e o ser terapeuta ocupacional. **Conclusão:** Compreender a relação entre o cotidiano, a produção de vida e a Terapia Ocupacional proporciona desdobramentos múltiplos sobre a importância de encontrar modos de viver em meio às adversidades impostas.

Palavras-chaves: Cotidiano, Pandemia, COVID-19, Terapia Ocupacional.

ABSTRACT

Introduction: The "production of life" can be interpreted as ways of existing in the world through a continuum of activities that promote the meaning and recreation of life. In the pandemic, several changes affected the daily lives of individuals, who stopped living a pre-existing reality to face a new way of existing in the world. **Objective:** To analyze the relationship between everyday life, Occupational Therapy and the production of life in the context of the COVID-19 pandemic, through the perspectives, experiences and reflections of university professors of the Occupational Therapy course from a public university in northeastern Brazil. **Method:** This is an observational, cross-sectional and quantitative-qualitative research. **Results:** The research had 100% adhesion of active professors, those aged between 25 and 61 years, prevalence of females (94.7%), self-declared whites (68.4%) and heterosexuals (79.0%). The listed categories were: (I) Human occupation as a way of existing, feeling and producing life; (II) Taking care of each other and with each other to support the routine of losses; (III) Daily life, body and mind "pandemized" and (IV) The fine line between the human being, the teacher and the occupational therapist. **Conclusion:** Understanding the relationship between daily life, the production of life and Occupational Therapy provides multiple developments on the importance of finding ways of living amid imposed adversities.

Keywords: Daily life, Pandemic, COVID-19, Occupational Therapy.

1 INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde (OMS), em março de 2020, anunciou uma pandemia global causada pela *corona virus disease* (COVID-19), ocasionando a necessidade de medidas protetivas, como uso de máscara e isolamento social (Cucinotta & Vanelli, 2020). Apesar de serem essenciais para reduzir a disseminação, essas medidas podem causar impactos físicos, mentais, sociais, espirituais e ocupacionais, acarretando problemáticas em várias esferas cotidianas (Pavani et al., 2021).

Cotidiano significa vida presente e revela a tessitura de vida, compreendendo a intensidade dos hábitos, os sofrimentos diários, a delicadeza dos afetos, a tomada de decisão, a adoção de mecanismos de resistência e a invenção de modos de ser, estar e fazer. Na Terapia Ocupacional, é o centro da práxis, sendo um espaço-tempo confluyente com o sujeito-cotidiano-história-sociedade, ocasionando criação, reinvenção e transformação de si e do mundo (Galheigo, 2020). Nesse estudo, o espaço-tempo é um cotidiano pandêmico.

A vida cotidiana exige espontaneidade, criatividade e o resgate da sensação de estar vivo (Maximino & Tedesco, 2016). Nesse novo cotidiano, terapeutas ocupacionais refletiram sobre as atividades humanas, potencializando as experiências singulares, através da ressignificação da humanidade e da mudança nos modos de vida, com a criação de mundos possíveis (Cardinalli et al., 2021). As consequências da pandemia entraram em conflito com o cotidiano, suscitando uma ruptura do indivíduo com seu contexto e tornando necessário buscar outras maneiras de produzir vida.

A "produção de vida" é interpretada como modos de existir no mundo através de um *continuum* de atividades que promovem o sentido, a criação e a recriação da vida, gerando o nosso chão, ou seja, um território existencial envolvido na construção de maneiras de protagonizar a vida (Quarentei, 2001). Albuquerque et al. (2021) apresentaram a expressão "produção de vida" em 4 categorias: (I) Produção de vida pelo trabalho como emancipação social; (II) Produção de vida na ampliação das ações em saúde; (III) Produção de vida na experiência criativa e na transformação cultural; e (IV) Produção de vida como manutenção da própria existência.

Segundo a terapeuta ocupacional Mariângela Quarentei (2001), a vida humana é feita no singular e no coletivo, através do fluxo de significados, e as atividades humanas são acontecimentos de vida que estão relacionados à potência do agir na produção de vida. Tendo

em vista os inúmeros desdobramentos no cotidiano, produzir vida em uma experiência pandêmica tornou-se um movimento desafiador e indispensável ao mesmo tempo, pois as atuais formas de produzir vida se resumiram a reagir a nível de sobrevivência numa pandemia de angústias e mortes (Quarentei et al., 2020).

Com docentes, a sobrecarga de adaptação a novos modos de viver foi somada à execução do trabalho remoto no tripé universitário, constituindo desafios para reorganizar o cotidiano em uma realidade totalmente diferente do habitual (Sallaberry et al., 2020). Assim, tornou-se importante pesquisar sobre a produção de vida dos docentes universitários na experiência pandêmica, pois isso pode gerar possibilidades de prevenção, manutenção e promoção da saúde, principalmente em situações de calamidade pública. Logo, o estudo do impacto da pandemia e as estratégias de produção de vida pode auxiliar na reconstrução de cotidianos que sofreram rupturas profundas, ofertando ferramentas para uma criação da vida cotidiana com perspectivas mais solidárias e sustentáveis.

Portanto, este artigo objetiva analisar a relação entre cotidiano, Terapia Ocupacional e produção de vida no contexto da pandemia da COVID-19, através das perspectivas e experiências de docentes universitários.

2 MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa observacional transversal, de caráter quanti-qualitativo e amostragem não probabilística por conveniência. A população-alvo correspondeu a 22 docentes da graduação em Terapia Ocupacional de uma universidade pública do Nordeste brasileiro. Os critérios de inclusão envolveram docentes ativos que aceitaram a participação voluntária. Assim, a amostra foi composta por 19 docentes, dentre efetivos e substitutos, com três docentes excluídos por afastamento.

Esse artigo foi sistematizado segundo os critérios para pesquisas qualitativas - *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research* (COREQ) de acordo com Tong et al. (2007). Essa pesquisa foi realizada com aplicação de um formulário elaborado no *Google Forms* que iniciou com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e continha quatro seções: (I) Dados sociodemográficos; (II) Cotidiano, Terapia Ocupacional e Produção de vida; (III) Aspectos físicos, mentais, sociais e espirituais; (IV) Estratégias de autocuidado.

O formulário possuía 35 questões, com parte objetiva, composta por alternativas, e parte subjetiva, permitindo discussão temática. O tempo aproximado de conclusão das respostas foi 25 minutos, considerando testes pilotos. Para esse artigo, foram escolhidas as seções dos dados sociodemográficos e a de cotidiano, Terapia Ocupacional e produção de vida. As outras duas seções serão abordadas em outro estudo. Em virtude do isolamento social, a coleta de dados aconteceu *online*, pela divulgação do link do questionário e convite para a participação via *e-mails*, disponibilizados pela coordenação do curso. O formulário ficou disponível por um período de 30 dias (setembro de 2021).

Esse artigo faz parte de um projeto maior intitulado “Cotidiano e produção de vida na pandemia da COVID-19: Estratégias de autocuidado de docentes universitários da Terapia Ocupacional” e cumpriu as exigências das Resoluções nº466/12 e nº510/16, sendo aprovado no Comitê de Ética e Pesquisa com seres humanos (CEP) (Parecer 4.932.206; CAAE: 50449421.5.0000.5188).

Os dados foram analisados de forma quantitativa e qualitativa. A parte quantitativa foi realizada através da tabulação dos dados no programa Epi Info (versão 7.2.4.0), com análise de frequências simples, média e desvio padrão das respostas objetivas (Brasil, 2018). A análise qualitativa se deu por intermédio da análise de conteúdo, produzindo categorizações para a discussão crítica da presença, ausência ou frequência de características específicas (BARDIN, 2011). Esse estudo utilizou a análise de conteúdo de Bardin para a formação de categorias intermediárias e, conseqüentemente, finais.

Essa pesquisa foi feita por três mulheres interessadas em compreender a produção de vida no cotidiano. A pesquisadora principal teve esse estudo como trabalho de conclusão de curso em Terapia Ocupacional. Desde o início do curso, pesquisou sobre a saúde mental dos discentes universitários. A pandemia despertou o seu interesse na produção de vida dos docentes, público também acadêmico. A temática surgiu de experiências práticas que a fizeram considerar relevante a dimensão subjetiva de cada sujeito em seus processos de vida, principalmente no cotidiano pandêmico. Para esse trabalho, essa autora contou com o auxílio de uma orientadora e uma coorientadora.

A orientadora tem graduação em Terapia Ocupacional, residência em Hospital Geral, especialização em Educação Especial, mestrado em Educação e doutorado em Linguística. É docente do curso de Terapia Ocupacional da UFPB desde 2011, tendo experiência em saúde mental, reabilitação neurológica e educação inclusiva. Como docente, já atuou em supervisão

de estágios, cenários de prática hospitalar, disciplinas de fundamentação teórica em Terapia Ocupacional, dentre outros.

A coorientadora possui graduação em Odontologia, especialização em Psicobiologia, Anatomia Patológica e Acupuntura, mestrado em Psicobiologia e doutorado em Biotecnologia. Tem experiência em Neuroanatomia, terapias holísticas e saúde mental. Enquanto docente, é professora de Neuroanatomia da universidade citada, incluindo a graduação em Terapia Ocupacional.

Os participantes, por sua vez, já conheciam o trabalho da equipe de pesquisa antes desse estudo. Nesse sentido, por compreenderem os objetivos pessoais e as pesquisas realizadas pelas autoras, considera-se que esse relacionamento foi fundamental para o aprofundamento das respostas, a dedicação dada a estas e a sensação de acolhimento repassada.

Como escolha metodológica e didática, as autoras optaram por detalhar as etapas da tabela principal em texto em virtude da acessibilidade para pessoas com deficiência visual, já que muitos programas de voz não fazem a leitura de imagens. Considerando isso, os dados sociodemográficos também serão descritos em texto, contribuindo para a compreensão dos assuntos de forma acessível e inclusiva.

Após a contextualização das categorias de Albuquerque et al. (2021), no formulário foram utilizadas perguntas principais para a discussão, sendo estas: 1. “No seu ponto de vista, qual a relação entre o cotidiano, a produção de vida e a Terapia Ocupacional? Como essa relação foi perceptível em sua vida nesse contexto de pandemia? Se possível, explane a sua percepção”; 2. “Em meio a um período de inconstâncias, perdas, luto e desafios, o cuidado do outro e com o outro reverberou em sua saúde e produção de vida de alguma forma? Em caso afirmativo, como você percebe isso?”. Com base nisso, formaram-se as categorias através dos termos mais utilizados.

No que tange à formulação de categorias (Tabela 1), a primeira teve como palavras principais, considerando os números de repetições, os termos: produção de vida (24); atividade (21); sentido (13); ocupações (4); engajamento (3); existência (3) e ações (3). A categoria intermediária foi “A produção de vida, sentido e existência nas ocupações, atividades e ações”. A final foi intitulada “A ocupação humana como forma de existir, sentir e produzir vida”.

Na segunda categoria, as palavras envolviam o cuidado com o outro e as perdas sofridas, como: cuidado (13); outro (11); perda (4); rotina (4) e estratégias (3). A intermediária

foi: “Estratégias de cuidado com o outro com as perdas da rotina”. A final foi nomeada “O cuidado do outro e com o outro para suportar a rotina de perdas”.

A terceira categoria buscou a relação do cotidiano com o corpo e a mente no cenário pandêmico. As principais palavras foram: cotidiano (39); pandemia (21); saúde (14); mental (12); mudança (6); física (4) e impacto (3). A categoria intermediária foi denominada “O cotidiano na pandemia e as mudanças e impactos na saúde física e mental”. Em síntese, a categoria final foi “Cotidiano, corpo e mente ‘pandemizados’ ”.

Por último, a quarta categoria englobou a relação do âmbito pessoal com o laboral, buscando observar como está implicada no cotidiano dos docentes. Os termos mais citados foram: Terapia Ocupacional (16); trabalho (16); terapeuta ocupacional (3); profissão (3) e humano (3). A categoria intermediária foi “O ser humano no trabalho enquanto terapeuta ocupacional e a profissão da Terapia Ocupacional”, e a final: “A linha tênue entre o ser humano, o ser docente e o ser terapeuta ocupacional”.

Tabela 1. Formulação de categorias elaboradas pela quantidade de repetições dos termos citados pelos docentes de Terapia Ocupacional de uma universidade pública, Nordeste do Brasil, 2021.

CATEGORIAS	TERMOS E REPETIÇÕES	CATEGORIA INTERMEDIÁRIA	CATEGORIA FINAL
CATEGORIA 1	Produção de vida (24)	A produção de vida, sentido e existência no engajamento em ocupações, atividades e ações	A ocupação humana como forma de existir, sentir e produzir vida
	Atividade (21)		
	Sentido (13)		
	Ocupações (4)		
	Engajamento (3)		
	Existência (3)		
	Ações (3)		
CATEGORIA 2	Cuidado (13)		
	Outro (11)		

	Perda (4)	Estratégias de cuidado com o outro na rotina de perdas	O cuidado do outro e com o outro para suportar a rotina de perdas
	Rotina (4)		
	Estratégias (3)		
CATEGORIA 3	Cotidiano (39)	O cotidiano na pandemia e as mudanças e impactos na saúde física e mental	Cotidiano, corpo e mente “pandemizados”
	Pandemia (21)		
	Saúde (14)		
	Mental (12)		
	Mudança (6)		
	Física (4)		
	Impacto (3)		
CATEGORIA 4	Terapia Ocupacional (16)	O ser humano no trabalho enquanto terapeuta ocupacional e a profissão da Terapia Ocupacional	A linha tênue entre o ser humano, o ser docente e o ser terapeuta ocupacional
	Trabalho (16)		
	Terapeuta ocupacional (3)		
	Profissão (3)		
	Humano (3)		

Fonte: Autoras (2021)

Levando em consideração o sigilo da identidade dos participantes e valorizando a produção de vida como modos de florescer a vida, optou-se por nomeá-los com flores, a saber: Antúrio; Lótus; Orquídea; Hortênsia; Magnólia; Lavanda; Margarida; Amarílis; Rosa; Girassol; Prímula; Violeta; Gardênia; Bromélia; Íris; Gerânio; Perpétua; Lírio e Peônia. Considerando os fatores supracitados, essa pesquisa estará disposta com base nas perspectivas, experiências e reflexões dos docentes de Terapia Ocupacional nas quatro categorias finais. Pretendeu-se também, ao final da pesquisa, fazer uma devolutiva desse trabalho para todos os

docentes participantes, gerando discussões importantes sobre as reflexões das suas produções de vida na pandemia.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De um total de 22 docentes do Departamento de Terapia Ocupacional, 19 se enquadraram nos critérios de inclusão e concordaram em participar desse estudo. Dessa forma, essa pesquisa obteve 100% de adesão. Verificou-se na amostra, docentes com idade entre 25 e 61 anos, média de $40,4 \pm 7,9$ anos, com prevalência do sexo feminino (94,7%; n=18), autodeclarados brancos (68,4%; n=13) e heterossexuais (79,0%; n=15).

Em relação à naturalidade, os participantes são de todas as regiões, com predomínio do Nordeste (42,11%) e Sudeste (42,11%), além de um participante (5,3%) de cada uma das outras regiões (Norte, Sul e Centro-oeste). No *status* de relacionamento, a maioria é casada (36,8%; n=7), estando os outros solteiros (as) (26,3%; n=5), em união estável (26,3%; n=5) ou namorando (10,5%; n=2). No que concerne à sexualidade, além da maioria heterossexual (79,0%; n=15), os outros, sendo um participante de cada, autodeclararam-se como lésbica, gay, bissexual ou não declarar. Além disso, a raça/cor/etnia alegada foi branca (68,4%; n=13), parda (26,3%; n=5) e não declarou (5,3%; n=1).

Tendo em vista a caracterização sociodemográfica e as informações metodológicas, a seguir estão as categorias elencadas e suas discussões com os dados coletados. Como se trata de produção de vida, as linhas escritas possuem significados singulares, pautados no território existencial dos participantes, ocasionando reflexão sobre a potência da Terapia Ocupacional em suas produções de vida, especialmente no cotidiano pandêmico.

3.1 A ocupação humana como forma de existir, sentir e produzir vida

o que eu faço?
se um homem atravessa a rua com as mãos em desespero
são sempre mais tarefas que vida, mais desejos, que o tempo
por que? querem que tudo se passe para que nada aconteça
escassos tornaram-se os tempos, a rotina espremida traz os gestos
mais às claras, traz agudez na urgência do sentido (...)
o que eu faço?
tudo full time, esse meu tempo escasso é um tempo firme
para outros, eu duvido
ser terapeuta ocupacional traz a compreensão de que é preciso
por o corpo, tomar a palavra, ocupar a ação e que isso é vida
produção, criação e recriação do vivo
Fico em casas (Quarentei, et al., 2020).

Em um contexto pandêmico, existir, sentir e produzir vida tem um nível de complexidade significativamente diferente do que no período pré-pandemia. O cotidiano, na Terapia Ocupacional, envolve as ações do indivíduo, associando ocupações, rotina, hábitos e acontecimentos de vida. Na pandemia, esse cotidiano alterou as formas de produção de vida, caracterizada pela construção de um contínuo de atividades que proporcionam modos de criar, recriar e existir no mundo (Albuquerque et al., 2021). Segundo Quarentei et al. (2020), agora, observa-se a potência do agir na produção de vida e na manutenção da existência, como explicitam os docentes:

A Terapia Ocupacional, tendo como objeto de estudo as ocupações humanas, visa a relação do ser humano com o cotidiano (na abrangência do termo) indo de encontro a definição e perspectiva da produção de vida. No contexto da pandemia o meu cotidiano foi modificado abruptamente, interferindo em diversas ocupações diárias e mudando a perspectiva de “produção de vida”, nas quatro categorias apresentadas¹ (Lótus, 35 anos).

Acredito que a Terapia Ocupacional pode proporcionar ao sujeito, dentre outros aspectos, a ressignificação e potencialização em relação a sua produção de vida que, por consequência, poderá produzir impactos positivos no seu cotidiano. Dessa forma, a pandemia que estamos atravessando trouxe consigo uma mudança abrupta no cotidiano das pessoas que levou à ruptura de produção de vida de forma mais significativa dos sujeitos (Amarílis, 36 anos).

Autores como Boyt Schell et al. (2014), Christiansen et al. (2005) e Hinojosa et al. (2003), apontam a ocupação enquanto atividades significativas, valiosas, intencionais, únicas e com propósito, que necessitam de motivação e resultam em realização pessoal. Wilcock & Townsend (2014) afirmam que a ocupação envolve o querer, o precisar e o dever fazer, abrangendo fatores do ser, pertencer e tornar-se humano. Segundo eles, a ocupação é o elemento ativista da existência humana, sendo o meio cotidiano de experimentar sentido.

Quarentei (2001), em contrapartida, considera a atividade humana como acontecimentos de vida relacionados à potência de criação de “mais-vida” em tudo que é vivo, possibilitando a efetivação da criação, conservação e inovação. As atividades humanas, segundo ela, transformam o sujeito e a vida, envolvendo não somente as dimensões do fazer, mas também a do existir e estar, plenas de sentidos de si no mundo.

Ocupar um tempo em um determinado espaço abrange um desafio diário para manutenção da existência e produção de vida. Com a COVID-19, o cotidiano exigiu um ajuste

¹ Categorias de Albuquerque et al. (2021).

ocupacional diante da possibilidade de adaptar ou impossibilidade de realizar suas ocupações (Silva, 2020). Algumas pessoas precisaram continuar trabalhando presencialmente, diferente da população-alvo deste estudo, que se encontrou numa reconfiguração do cotidiano pautada dentro das recomendações sanitárias.

No isolamento social, na perspectiva ocupacional, são notáveis as alterações na participação das atividades humanas. Em determinadas situações, existiu a perda da possibilidade de realizá-las. Em outros casos, foram reinventadas com novos significados ocupacionais (Corrêa et al., 2020). Nessa concepção, Silva (2020) evidencia a importância de pensar em como desempenhar as ocupações de forma significativa para estimular a produção da saúde, bem-estar e qualidade de vida.

Nosso cotidiano foi afetado diretamente pela pandemia. Fomos convocados a repensar e incorporar novos rituais e hábitos. Num primeiro momento, houve uma suspensão e isso nos colocou diretamente imersos no contexto do lar mais intensamente e preocupados com a condição sanitária. De algum modo, isso nos provocou a pensar nesse cotidiano, como era, o que fazíamos, o que queríamos fazer, o que devíamos fazer e o que não fazia sentido mais fazer (Orquídea, 45 anos).

De acordo com um dos participantes: “A produção de vida se dá nas ações do cotidiano e a Terapia Ocupacional estuda e cuida para que a vida flua na construção dessas ações” (Magnólia, 41 anos). Na pandemia, essa relação ficou ainda mais perceptível:

Acredito que como a Terapia Ocupacional tem como objetivo principal promover bem-estar, saúde e sentido por meio do engajamento em ocupações, penso que a produção de vida é um meio-fim do processo de Terapia Ocupacional. O engajamento em ocupações se faz a medida em que vivenciamos nossos cotidianos, e assim temos a chance cotidiana de produzir vida, de ter sentido através daquilo que fazemos. Eu percebo que ao longo da pandemia meu cotidiano foi invadido por uma série de questões que me fizeram voltar o olhar para meus modos de produção de vida (Rosa, 41 anos).

É no cotidiano, no fazer humano de cada dia que a produção de vida acontece, por meio de diferentes modos de existir no mundo. O cotidiano exprime as atividades que são significativas para cada pessoa, em determinado momento e contextos de vida. E a Terapia Ocupacional contribui para a elaboração desse cotidiano, o (re)pensar sobre ele, refletir sobre, (re)significar quando necessário, adaptá-lo, praticá-lo em sua essência (...) Ressaltou o quanto que a organização da vida diária nos mantém "vivos" e nos faz sentirmos pertencentes às relações, aos lugares/espacos, às funções, à nós mesmos. Não só pela organização em si, mas pelo fato de que a organizamos de uma maneira que nos faz sentido. E a falta de sentido para o fazer das coisas é algo que tem sido revelado por esta pandemia como extremamente adoecedor, na minha percepção (Gardênia, 36 anos).

A produção de vida compreende fatores que geram sentido ao que se faz no dia a dia, pois no fazer humano, nas ocupações e nas relações sociais os modos de existir vão construindo significados singulares, através de saberes-fazer mais conectados com o mundo e com os diversos modos de produzir e protagonizar a vida (Albuquerque et al., 2021). Cada indivíduo, em seu contexto, produz vida à sua maneira, gerando emoções e sensações únicas:

Fôlego foi a palavra e a direção da minha produção de vida, nos últimos 1 ano e meio. Então, produzir vida é ganhar fôlego, e isto a gente ganha quando a gente tem momentos felizes, de pequenas e grandes satisfações com as coisas que a gente faz (Rosa, 41 anos).

Desse modo, o fôlego, a motivação, os desejos e os significados transformam a produção de vida de cada indivíduo. Esses fatores interligados geram modos únicos de viver e gerar sentido. Ao ser questionada sobre a relação entre o cotidiano, a Terapia Ocupacional e a produção de vida, uma das docentes explicou:

Existe sim uma relação entre os três, uma vez que a terapia ocupacional estuda e intervém no cotidiano das pessoas, buscando caminhos para que elas consigam realizar suas necessidades e desejos. A produção de vida se dá no cotidiano, através das atividades que produzimos, que criamos e que atribuímos significados, que damos sentido no fazer diário (Violeta, 61 anos).

Portanto, a ocupação humana, seus significados e suas adaptações permitem novos modos de existir, sentir e produzir vida, até numa experiência pandêmica. Em meio a essas modificações, o cuidado com o significado do que se faz e o com os outros com os quais se convive tornou-se cada vez mais necessário.

3.2 Cuidado do outro e com o outro para suportar a rotina de perdas

*(...) Se por acaso você sentir o mundo escapar
Se tudo for solidão, se a solidão maltratar
Sempre haverá um alguém capaz de lhe abraçar (...)
Sempre haverá amor. Sempre haverá o bem
Numa via de mão dupla, com a força de um trem
Alguém ajuda você. E você ajuda alguém
Repare. Já que sempre haverá alguém para...
Lhe entender. Lhe carregar. Lhe acalmar.
Abraçar quando doer
Alguém para lhe confortar quando o mundo lhe bater
Já que sempre haverá alguém para lhe socorrer
Só é preciso ser justo e grato para perceber
que sempre haverá alguém precisando de você.
(Sempre haverá um alguém. Bráulio Bessa, 2019)*

Como retrata Bessa Uchoa (2019), o homem necessita de outros para produzir vida e é válido reconhecer que geralmente terá alguém para te socorrer ao mesmo tempo que terá alguém precisando de você. A necessidade do cuidado do outro e com o outro foi se tornando mais rotineira na pandemia e esse abraço precisou ser trocado por outros meios, porque cuidar do outro se transformou em se distanciar para preservar a vida dele e a própria vida. Com o advento da pandemia, o cotidiano se tornou inaudível, cheio de medos indizíveis, carregado de um isolamento de afetos, porque viver o amor, e o cuidado, foi vestir-se da solidão.

Com efeito, o cotidiano não pode ser caçado a laço quando cavalga diante de nós na exacta medida em que o cotidiano é o laço que nos permite “levantar a caça” no real social, dando nós de inteligibilidade ao social (Galheigo, 2020, p.15).

Segundo Pais (2003), o cotidiano é um conceito da TO formado por laços que tecem a tessitura da vida, não podendo desvincular-se do meio social, onde acontecem processos de vida, relações e experiências. Galheigo (2020) afirma que o terapeuta ocupacional considera a singularidade dos sujeitos sócio-históricos. O ser humano vive a partir das relações, e o cuidado do outro faz parte da manutenção da própria vida, o que se intensificou no cenário pandêmico. Uma docente afirma que houve uma “mudança de casa para o cuidado com o outro e a percepção da necessidade de estar mais presente” (Lótus, 35 anos).

Ano passado me dediquei ao cuidado com o outro quase 100% do meu tempo, entendendo que isso era a única coisa importante e necessária a fim de que qualquer vida tivesse sentido, inclusive a minha. Nós só existimos em relação, nas relações com o outro e a partir desse encontro que a vida acontece (Lírio, 45 anos).

O cuidado pode exercer múltiplos sentidos na produção de vida e na manutenção da própria existência, considerando os impactos nas vidas de quem cuida e é cuidado. Nos discursos, a preocupação com os familiares e a demanda de cuidados com o outro tornaram-se evidentes, repercutindo em sentimentos de insegurança e sobrecarga proveniente do cuidado realizado.

O que mais reverberou foi a necessidade de cuidado dos familiares, e a incerteza sobre o estado de saúde deles. A pandemia gerou uma insegurança grande na relação com os familiares, principalmente os mais idosos (Antúrio, 33 anos).

Acredito que fui mais solicitada para dar suporte em algumas situações de cuidado com outras pessoas, o que em alguns momentos me demandou muito tempo e energia, fazendo com que eu me sentisse cansada e sobrecarregada em algumas situações (Perpétua, 25 anos).

As marcas pandêmicas geraram solidariedade com a dor do outro, a demanda pelo cuidado mútuo e a abrangência das formas de cuidado. O cuidar também envolveu a necessidade do “ser cuidado”. Isso gerou a expectativa desse cuidado por outros, desencadeando satisfação e valorização de relações e, também, de frustração quando essa reciprocidade não acontecia.

Fiquei mais atenta ao bem estar de outras pessoas e mais feliz com a atenção das pessoas comigo. Passei a dar mais valor ao cuidado mútuo. Também cobrei mais solidariedade das pessoas próximas a mim (Peônia, 48 anos).

Tenho um companheiro que realmente me apoia e cuidamos um do outro de fato, então internamente isso tem sido essencial para sustentar alguma estabilidade na vida nesse período, por outro lado, muitas vezes não me senti cuidada por muitas pessoas, especialmente familiares, o que acabou dificultando a experiência de viver em pandemia (Bromélia, 34 anos).

Viver em pandemia foi uma experiência adoecedora, porque lidar com um vírus invisível causou a sensação de impotência, provocando a necessidade de cuidados. Somado a isso, a pandemia mundial ocasionou diversas mortes, perdas e inconstâncias (Cucinotta & Vanelli, 2020). A COVID-19 trouxe a ideia de que “o mundo que conhecemos não será mais o mesmo”, ocasionando uma mudança histórica, pautada no fim de uma era e início de um mundo novo marcado por incertezas, desconfianças, medo e pânico, tornando desafiadores os caminhos para produção de vida (Gajanigo & Souza, 2020).

Cuidei da pessoa que mais amo, que teve uma doença grave e se curou, e produzimos muita vida e amor familiar nesses meses de cuidado. Perdi pessoas muito importantes para mim, não só por Covid. (...) Vejo, todos os dias, pessoas vivendo muito mal ou morrendo por descaso político, também não só por Covid. Em meio a tudo isso, vou me cuidando e cuidando das pessoas da forma que posso, e às vezes não posso ou não consigo. Por fim, penso que ainda não temos ideia da dimensão dessas marcas de dor, perda e morte nas nossas vidas, mas as trocas de cuidado e afeto são o que tem possibilitado a continuidade da produção de vida com sentido e com algum prazer (Girassol, 39 anos).

A pandemia veio para escancarar essa percepção a partir de tantas "perdas" vividas e sentidas por mim. Perda da rotina, das relações sociais, do trabalho e das escolas presenciais, do autocuidado, de tempo, do ócio criativo... (Gardênia, 36 anos).

O cuidado do outro se entrelaçou e se perdeu no isolamento e adoecimento de si, em um cotidiano marcado pela falta das relações e pelo luto de perder pessoas, rotinas e hábitos. Uma das participantes declarou: "Me percebi muito empática nesse momento, sensível à dor do outro e à situação caótica dos nossos sistemas de saúde e dos profissionais" (Prímula, 41

anos). Destarte, os impactos dos descasos da conjuntura atual estão ligados às modificações na produção de vida:

A TO como Produção de Vida abrange minha leitura de mundo e minhas formas de agir nele; pude sentir e vivenciar o quanto um cenário que nos é imposto, indesejado, que foi difícil entender e que nos forçou a reformular nosso cotidiano, produziu vida no sentido de aprender a viver de outra forma, de construir um novo cotidiano da forma menos dolorosa possível, de produzir maneiras de continuar vivendo em momento de desespero e desesperança, de ajudar pessoas queridas e também as desconhecidas (Girassol, 39 anos).

Passei a me preocupar muito com saúde dos meus filhos, familiares e a ficar muito sofrida diante do descaso político pela situação pandêmica. Eu acredito que isso também trouxe muita tensão para mim e contribuiu para meu adoecimento (...) Tudo que respondi se refere a essa vida que produzi nesse contexto e nessa situação de excepcionalidade, em um contexto político nacional muito caótico e adverso, com várias ameaças e situações de violência psicológica e assédio ao funcionalismo público por parte do governo federal. Uma palavra que ouvi nesse tempo que me ajudou a entender o sentimento vivido: desamparo (Orquídea, 45 anos).

O cotidiano, a vida cotidiana, se revela no entroncamento da realidade e da necessidade de entender como se dá a relação sujeito-cotidiano-história-sociedade. Pensar produção de vida, que para mim diz muito mais de uma leitura individual-coletiva-contextual, envolve sentidos na construção de saberes-fazeres mais conectados com o mundo, com a realidade das pessoas, com as diferentes formas de existir e protagonizar a vida. É mais do que “apenas” pensar rotinas e atividades do dia a dia. “Produzir vida” num contexto de “morte”- morte real, morte do senso de coletividade, de responsabilidade, morte da democracia, é bastante complexo (Gerânio, 34 anos).

O desamparo, a desesperança e o desespero formam uma percepção individual-coletiva que provoca desafios na produção de vida em pandemia. Bregalda et al. (2019) afirmam que a atuação dos terapeutas ocupacionais brasileiros depende da garantia das políticas sociais e que o cenário atual de desmonte político prejudica a efetivação de direitos, a atuação da TO e a realização de atividades transformadoras para sujeitos, grupos e coletivos, no território onde a vida acontece. Braga et al. (2020) assinalam uma crise contemporânea da democracia brasileira, manifestada pelo conservadorismo, afetando o cotidiano em diversas dimensões.

Milhares de casos e mortes pela COVID-19 tinham possibilidade de não acontecer, mas os brasileiros foram submetidos a um sofrimento evitável, pelo descaso com a vida e pela negação da eficácia e da implementação imediata da vacina pelo Governo Federal. O número de lutos e sofrimentos, poderia ter sido diferente se as medidas possíveis tivessem sido tomadas assim que viabilizadas (Duarte & César, 2021). Como é possível “produzir vida” em uma

pandemia de “mortes”? Como manter a existência estando imerso em negligências? Como produzir vida, reflexões, experiências e perspectivas no cotidiano pandêmico? Eis o desafio.

Heller disse que só quem tem necessidades radicais pode querer e fazer a transformação da vida. Essas necessidades ganham sentido na falta de sentido da vida cotidiana. Só pode desejar o impossível aquele para quem a vida cotidiana se tornou insuportável, justamente porque essa vida já não pode ser manipulada (Martins, 1998, p. 6)

O trecho dialoga com os desafios de criar estratégias de “produção de vida”, pautadas no suportar o que é insuportável no cotidiano, como as perdas vividas nessa rotina pandêmica. Sendo assim, o cuidado do outro e com o outro se tornou indispensável ao mesmo tempo que, em alguns casos, se transformou em cobrança, ocasionando repercussões diferentes para cada indivíduo:

Mais tempo tendo que me dedicar ao cuidado dos outros, seja no cuidado dos filhos pequenos que dependem de você, inclusive para sobrevivência deles, seja com o marido que precisa de atenção por estar também em uma situação de sobrecarga (...). Também há o tempo em que nos preocupamos com nossos pais e irmãos (...) Isso reduz o tempo que teria para dedicar a mim e as minhas reais necessidades. Não apenas o tempo cronológico, me refiro também ao tempo de qualidade, a estar disponível fisicamente, mentalmente e emocionalmente para tal. Muitas coisas passam a ficar em segundo plano, me sinto por vezes perdida por este ritmo, sem conseguir processar/elaborar tudo, para de fato perceber os sentidos de cada uma dessas coisas em minha vida. Muitas acabam ficando mesmo sem sentido, gerando inquietudes, insatisfações, adoecimentos (Gardênia, 36 anos).

Logo, a produção de vida e a necessidade do cuidado do outro no cotidiano pandêmico originou impactos significativos, pautados em experiências singulares. Esses fatores, somados à situação da pandemia, suscitaram consequências importantes no que se refere à manutenção da saúde física e mental, como a próxima categoria abordará.

3.3 Cotidiano, corpo e mente “pandemizados”

*Se notares, um dia,
meu medo, meu segredo,
e meu corpo fechado
no quarto,
perdoa o meu peito
por bater indelicado.
E ao me achares
perdido, dando ares
de louco
saiba que, aos poucos,
vou inventando meu lado,
da porta fechada*

*que guarda
 meu coração indelicado.
 O verso em cima
 da mesa
 é que aponta o bonito
 em meio a tanta tristeza,
 cura o coração machucado,
 o peito rasgado
 nos cacos da delicadeza,
 deste espírito condenado
 a vibrar indelicado
Corpo fechado (Gomes, 2021).*

Ruas vazias, distanciamento social, quartos fechados, trabalho remoto, contato por telas, rostos mascarados e notícias por todo lado. Tudo isso, e muitos outros fatores, como relatados na poesia de João Gabriel Gomes (2021), causaram, de uma hora para outra, o corpo e a mente “pandemizados” (termo proposto nesse estudo). O adoecimento no cotidiano e a dificuldade em manter a saúde física e mental foram elementos frequentes na pandemia da COVID-19, e isso ficou evidente na pesquisa, destacando o sofrimento causado pela impossibilidade de manter as relações sociais da forma habitual.

Com relação a minha vida na pandemia, sinto que meu cotidiano teve uma mudança brusca, com redução das relações sociais, a partir do isolamento social, bem como, com atravessamento de problemáticas de saúde física e mental- adoeci diversas vezes e tive episódios de ansiedade. Fora isso, não vejo minha família desde o início da pandemia, o que tem gerado sofrimento (Lavanda, 36 anos).

O cotidiano ficou empobrecido, muito restrito, as atividades desenvolvidas no ambiente social deixaram de existir e outras tiveram de ser reproduzidas no ambiente doméstico, gerando desdobramentos múltiplos, acarretando prejuízos para a saúde física e mental (Margarida, 49 anos).

A pandemia retrata um dos maiores desafios sanitários mundiais do século, tanto por questões de saúde física quanto mental, modificando e gerando impactos no cotidiano. É importante salientar que as medidas de prevenção, os impactos econômicos, políticos, sociais e laborais, provocaram mudanças emocionais, cognitivas e comportamentais específicas desse momento na rotina das pessoas (Guinancio et al., 2020).

O meu cotidiano, assim como creio que o da maioria da população mundial, foi impactado pela pandemia, indo para além do isolamento social. Deixei de frequentar a academia, hábito já antigo, as atividades domésticas que eu fazia constantemente foram deixadas de lado, pois o trabalho me consumiu muito mais tempo do que anteriormente. Por ordem de prioridade para mim, o que mais foi afetado no meu cotidiano, foi: 1) deixei de fazer minhas receitas saudáveis e comecei a consumir mais comida rápidas e fáceis de serem feitas;

2) a quantidade de horas de sono diminuíram, antes de 9/8h por dia, dormi cerca de 6/7h por dia (...) e, por último, a frequência e a qualidade dos exercícios físicos que fazia antes da pandemia, no cenário atual eu me exercitava no máximo 3 vezes na semana, anteriormente era em torno de 4/5 vezes na semana (Íris, 41 anos).

Eu me mantive muito atenta e preocupada com toda a situação sanitária e com a assimilação de tudo isso pelos filhos. Fiz bastante atividade física e tentei manter o clima em casa o mais tranquilo e saudável que eu consegui. Apesar disso, por conta de algumas questões no trabalho, eu adoeci, com crises de pânico e de ansiedade, dificuldades para dormir, desenvolvi uma doença autoimune e dores no quadril, situações que ainda estou cuidando e administrando (Orquídea, 45 anos).

Percebi que fiquei mais tensa e preocupada comigo e com meus familiares e isso provocou uma piora na minha saúde mental, em decorrência de aumento na ansiedade, o que provocou um déficit de concentração e na minha produção de forma geral (Amarilis, 36 anos).

Como exemplificado, a saúde passou por modificações nos aspectos físicos e mentais, afetando elementos significativos do corpo e da mente. A alimentação, o sono, o trabalho, a concentração, a cognição, a produtividade, as atividades físicas e os hábitos foram impactados em decorrência da pandemia, garantindo um aspecto “pandemizado” ao cotidiano, ocasionando também o surgimento de dores musculares/articulares e doenças diversas.

Nesse estudo, a maioria dos docentes relatou autopercepção negativa da saúde física (73,7%), mas positiva quanto à saúde mental (63,2%). Numa escala gradual, apontaram seu estado de saúde mental como: boa (n=11; 57,89%); regular (n=4; 21,05%); ruim (n=2; 10,53%); muito boa (n=1; 5,26%) e muito ruim (n=1; 5,26%). Os docentes com maior média de idade consideraram sua saúde mental boa (57,9%; 43,1±9,0 anos) ou muito boa (5,3%; 41,0 anos), enquanto os com menor média apontaram como regular (21,05%; 36,8±5,6 anos), ruim (10,53%; 35,0±1,4 anos) ou muito ruim (5,26%; 36,0 anos). Somado a isso, a saúde física foi concebida pela maioria dos participantes como regular (42,1%) ou ruim (31,6%), e apenas 26,3% dos participantes retratam como boa.

A Federação Mundial de Terapeutas Ocupacionais (*World Federation of Occupational Therapists*) apresentou um posicionamento sobre a atuação dos terapeutas ocupacionais no contexto da pandemia, exibindo os impactos nas vidas, saúde e bem-estar dos sujeitos e comunidades. Nessa perspectiva, assinalam a importância da produção de estratégias para oportunizar o desempenho das ocupações pensando nos fatores de saúde mental que se interligam com a pandemia, para novas configurações da profissão e dos modos de se relacionar com o cotidiano (WFOT, 2020).

Acredito que a relação entre a Terapia Ocupacional com o cotidiano e a produção de vida se dá através das atividades significativas vividas, desenvolvidas, organizadas e indissociáveis...seja no âmbito do lazer, do trabalho, do desenvolvimento educacional/intelectual, da participação e interação social, entre outras. No contexto pandêmico o grande impacto aconteceu no próprio gerenciamento de atividades cotidianas que foram sofrendo modificações que fugiam do meu "controle", estamos muito vulneráveis a acontecimentos externos que impedem o nosso ir, vir, estar, permanecer, sair...E todo esse processo fez-se necessário a atenção para o autocuidado, a autoavaliação, a manutenção de atividades significativas, a necessidade de estar no presente, de observar os acontecimentos, de refletir os modos de existência, de gerenciamento as ansiedades e além de tudo, estar atenta ao cuidado integral, priorizando a saúde mental e a qualidade de vida individual e coletiva apesar das circunstâncias (Perpétua, 25 anos).

As atividades cotidianas foram afetadas, propiciando impactos no cotidiano, corpo e mente. Como explicita o trecho, isso gerou vulnerabilidades no que concerne a manutenção da produção de vida e das atividades significativas. Os modos de existência precisaram ser gerenciados a partir de adaptações e discussões dos terapeutas ocupacionais sobre a desigualdade social e a propagação do vírus em comunidades das periferias, cujo sofrimento mental e físico apresentou atravessamentos, como a violação de direitos humanos, a impossibilidade de realizar o isolamento social e a precarização de suas condições de vida e trabalho (Malfitano, Cruz & Lopes, 2020). Isso ficou perceptível nesses lugares onde “há naturalização do risco de vida”, gerando um desafio para a manutenção da sobrevivência e existência (ABRASCO, 2020).

A Terapia Ocupacional, considerando todas as dimensões dos indivíduos, tem relação com a garantia dos direitos e a concretização das políticas públicas. Nessa concepção, ser terapeuta ocupacional nesse período gerou inúmeras reflexões ao se pensar nas condições de vida das populações e do mundo ao redor. Por esse ângulo, pensar-se como terapeuta ocupacional ao mesmo tempo que se é docente e ser humano, torna-se um desafio que será explanado na categoria subsequente.

3.4 A linha tênue entre o ser humano, o ser docente e o ser terapeuta ocupacional

*Até cortar os próprios defeitos
pode ser perigoso
Nunca se sabe qual é o defeito
que sustenta nosso edifício inteiro
Que ninguém se engane
só se consegue a simplicidade
através de muito trabalho
Libertar é uma palavra imensa*

cheia de mistérios e dores
Sou um coração batendo no mundo
Correspondências (Lispector, 2002).

Clarice Lispector expressa que o trabalho é uma ponte para simplicidade, ao mesmo tempo que explana que o verbo libertar é um termo imenso. Paulo Freire (2004) menciona que a liberdade, na educação, é amadurecida no confronto com outras liberdades, através da experiência de aprender com as decisões. Para os participantes, ser docente carrega a responsabilidade de libertar e gerar liberdades no trabalho, ao mesmo tempo que se deve estar atento às dimensões individuais (o coração batendo no mundo) e terapêuticas ocupacionais (cheias de mistérios e dores) em um período tão desafiador.

A relação entre a vida cotidiana, a docência e a Terapia Ocupacional ficou perceptível nos discursos dos docentes. Nesse sentido, enfrentaram dificuldades para definir quais os limites de cada “ser”, seja ele humano, docente ou terapeuta ocupacional, pois o trabalho estava em casa, a docência passou a ser em telas e a necessidade da TO no cenário de mudanças foi nítida. De acordo com eles, o fato de ser terapeuta ocupacional e docente contribuiu na possibilidade de encontrar novas estratégias para produzir a própria vida na pandemia, de forma individual ou coletiva.

A Terapia Ocupacional atua através da produção de vida no cotidiano dos indivíduos, grupos ou populações. Me pensar como terapeuta ocupacional nessa pandemia auxiliou na tentativa de colocar as atividades que eram necessárias e significativas para mim e que precisavam ser equilibradas no cotidiano. Produzir minha própria vida e auxiliar na produção de vida da minha filha, valorizando o que realmente é importante e não gastando ou desperdiçando meu tempo com o que não importa no cotidiano. Acredito que ser terapeuta ocupacional auxiliou nesse processo de definir o que de fato tem valor e o que não tem (Lírio, 45 anos).

Na minha concepção a atenção em terapia ocupacional, no campo da saúde, enfatiza a produção de vida alinhada com estratégias para remissão de sintomas e superação de dificuldades impostas por condições de adoecimento físico e/ou mental. Estimulamos o engajamento dos usuários que promovam a participação social, a descoberta de novas habilidades e o bem viver. A pandemia trouxe para o meu cotidiano aquilo que aprendi como profissional terapeuta ocupacional (Peônia, 48 anos).

Acho que o nosso trabalho na relação constante com os estudantes, pessoas, grupos e comunidades, onde pensamos intervenções e projetos, interfere bastante na forma como eu entendo produção de vida. Que é coletiva, que é pensar nas relações, pensar nas formas de injustiça e desigualdade que vivemos e tudo isso se fragiliza, se intensifica no momento em que estamos (Gerânio, 34 anos).

A Terapia Ocupacional, atuando com ocupações, significados e rotinas, enfrentou, na pandemia, mudanças de paradigmas no que se refere à produção de vida em um cenário caótico. Na docência, esses fatores se intensificaram, porque ao mesmo tempo que os participantes estavam enfrentando a pandemia como seres humanos, eles também precisaram efetivar seus papéis ocupacionais como “seres docentes” e “seres terapeutas ocupacionais”. Esses fatores entrelaçados originaram discursos singulares, possibilitando a vivência prática do que é ensinado.

Ornell et al. (2020) apontam que o isolamento social propiciou impactos significativos na vida dos indivíduos. Na crise pandêmica, surgiram modificações como: alteração na rotina familiar, diminuição de deslocamentos, apreensão com a manutenção financeira, aumento do trabalho por meio remoto e dificuldades de concentração em atividades laborais (Albert, Younas & Sana, 2020).

No contexto da pandemia foi perceptível a alteração da vida e o impacto no cotidiano de todas as pessoas, e nós docentes, mesmo que de certa forma tendo algumas seguranças no que se refere ao mundo do trabalho, tivemos nossa organização da vida totalmente alterada. Para além da dimensão do trabalho, outras esferas da vida foram bastante impactadas, como o lazer, as relações, etc (Antúrio, 33 anos).

Os docentes universitários, mesmo que com garantia financeira, enfrentaram dificuldades no que se refere a realização das atividades cotidianas, com esferas da vida sendo afetadas. Isso gera uma reflexão sobre como os demais indivíduos, com problemas financeiros vinculados ao cenário político passaram por modificações abruptas em seus cotidianos e em seus modos de produção de vida. Como relatado, a pandemia trouxe ocorrência de adoecimentos, seja no nível físico, mental ou ocupacional. O trabalho remoto, por sua vez, traz à tona a observação de que esse formato laboral pode agravar essas condições e gerar repercussões mais nítidas no cotidiano, na produção de vida e na manutenção da existência (Araújo & Lua, 2020).

Relação entre o cotidiano, a produção de vida e a Terapia Ocupacional? com a pandemia considero a produção de vida como IV - manutenção da própria existência -pensando no contexto da pandemia - tudo ficou mais difícil e o trabalho adoecedor e sem limite no meu cotidiano (Hortênsia, 48 anos).

Percebi o quanto o trabalho estava me adoecendo, não vejo um outro grande desafio, para mim conciliar trabalho e vida pessoal foi bastante difícil (Íris, 41 anos).

A sobrecarga do trabalho, somada ao modo remoto e ao contexto de pandemia, reproduz algumas consequências nas esferas laborais, produtivas e domésticas. Essa experiência pode ser exemplificada no trabalho remoto docente por aspectos como: cuidado com a casa, os filhos ou familiares, estruturas imobiliárias inadequadas, dificuldades na conexão da internet, falta de experiência com uso de tecnologias e necessidades de adaptações (Brynjolfsson et al., 2020).

O trabalho foi repensado e abriu-se uma possibilidade de ser desenvolvido de um modo mais criativo, fora dos moldes habituais e eu pude trabalhar com uma equipe de colegas e com alunos interessados na temática da saúde mental, a partir da discussão de filmes. Foi muito interessante e enriquecedor. Também comecei com outras colegas TOs da cidade a formar um coletivo de saúde mental (...) Também passei a me encontrar virtualmente a ampliar as atividades de um grupo de estudo. Tudo isso foi muito interessante e revigorante, apesar de desafiador. Mas depois no trabalho voltamos ao que era antes, sem discussões sobre as adaptações necessárias para o contexto do trabalho remoto e a carga de trabalho ficou muito grande, além da mudança na forma como tínhamos que desempenhar as tarefas (Orquídea, 45 anos).

Destarte, as adaptações foram sendo requisitadas no cenário de trabalho remoto, fator que evidencia a demanda pela produção de vida no trabalho. O cotidiano começou a ser observado de outra perspectiva, considerando os desejos, necessidades e importâncias do significado naquilo que se produz, que se faz e que se trabalha, como abordam as participantes a seguir:

Eu percebo que ao longo da pandemia meu cotidiano foi invadido por uma série de questões que me fizeram voltar o olhar para os meus modos de produção de vida. Acho que no meu cotidiano tive altos e baixos ao pensar no valor do meu trabalho, na forma com a qual eu me relaciono com as pessoas, o que eu faço a cada tipo de sentimento ou sensação que eu tenho (...) Já durante a semana, o contato frequente com estudantes de projetos de extensão, pesquisa - parte muito significativa do meu trabalho, na maioria das vezes me trouxe alegria e fôlego (Rosa, 41 anos).

Em minha experiência, a pandemia mundial, em virtude de todas as mudanças, privações, múltiplos afetos desencadeados, trouxe muitas reflexões e desejos de mudanças. Passei a dar prioridade aquilo que de fato importa para mim. Refleti a importância do trabalho significativo para minha existência e a importância do tempo de qualidade em família (Prímula, 41 anos).

Portanto, considerando que o ser humano, o ser docente e o ser terapeuta ocupacional se encontram em uma linha tênue, é importante considerar essa relação com a produção de vida e manutenção de existência desses indivíduos em seus cotidianos. Dessa forma, a ocupação humana possibilita caminhos para existir, sentir e produzir vida, somada ao cuidado do outro e com o outro, em relação com o cotidiano, corpo e mente “pandemizados” de seres humanos,

docentes e terapeutas ocupacionais que se encontram em um propósito: produzir vida e ser em pandemia, ou seja, ser vida em pandemia.

4 CONCLUSÃO

A ocupação humana, considerada elemento da Terapia Ocupacional, proporciona modos de fazer, sentir, viver e existir singulares. Nesse contexto de pandemia da COVID-19, o cotidiano passou por diversas transformações que geraram novos modos de produção de vida. Partindo disso, questões de saúde física e mental vieram à tona e ocasionaram a ideia do corpo e da mente “pandemizados”, ocasionando a necessidade do cuidado. Nos docentes universitários participantes, a relação entre esses conceitos dialoga com os fundamentos da Terapia Ocupacional e da docência, acarretando mudanças de paradigmas no que diz respeito ao contexto pessoal e profissional.

É importante ressaltar que as autoras desse trabalho proporcionaram uma devolutiva dos resultados junto ao corpo docente participante. Essa apresentação aconteceu de forma online, contando com a presença de Mariângela Quarentei (pesquisadora na prática clínica do termo “Produção de vida” na perspectiva da Terapia Ocupacional) e dos docentes do Departamento de Terapia Ocupacional. Nesse encontro, a emoção e o pertencimento tomaram conta dos participantes, que alegaram estar reflexivos sobre as variadas dificuldades enfrentadas na pandemia pelos colegas, bem como pelos múltiplos modos de produção de vida utilizados.

Esse momento proporcionou repercussões em relação à reflexão sobre si mesmo e sobre os outros que estavam à sua volta. Os docentes alegaram que a todo momento estavam pensando em oportunidades de cuidado para os discentes, para os familiares e para as demais pessoas ao redor deles, mas se deram conta que não conseguiram tempo para cuidar uns dos outros em decorrência das consequências da pandemia. Esses fatores colocaram em pauta a importância desse trabalho para essa reverberação do cuidado do outro e com o outro na produção de vida no cotidiano de cada um.

Sendo assim, esse artigo possibilitou a concretização do diálogo de perspectivas, experiências e reflexões de docentes de Terapia Ocupacional em relação à produção de vida e à manutenção da existência em um cotidiano pandêmico. Portanto, compreender a relação entre o cotidiano, a produção de vida e a Terapia Ocupacional proporcionou desdobramentos múltiplos sobre a importância de encontrar modos de viver em meio às adversidades impostas, seja no âmbito humano, docente ou terapêutico ocupacional.

REFERÊNCIAS

- Albert, J. S., Younas, A. & Sana, S. Nursing students' ethical dilemmas regarding patient care: an integrative review. (2020). *Nurse Educ Today: Epub* 2020. 88. doi: 10.1016/j.nedt.2020.104389.
- Albuquerque, G. M. P; Cardinalli, I. & Bianchi, P. M. (2021). Terapia ocupacional e a expressão “produção de vida”: o que dizem as produções brasileiras?. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*. 29, e2133, 1-16. doi: 10.1590/2526-8910.ctoAR2133.
- Araújo, T. M & Lua, I. (2020). O trabalho mudou-se para casa: trabalho remoto no contexto da pandemia de COVID-19. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*. 46, e27, 1-11. doi: 10.1590/2317-6369000030720.
- Associação Brasileira de Saúde Coletiva – ABRASCO. (2020). *Coronavírus nas favelas: “É difícil falar sobre perigo quando há naturalização do risco de vida”*. Rio de Janeiro: ABRASCO. Recuperado em 24 de abril de 2020, de <https://www.abrasco.org.br/site/outras-noticias/saude-da-populacao/coronavirus-nas-favelas-e-dificil-falar-sobre-perigo-quando-ha-naturalizacao-do-risco-de-vida/46098/>.
- Bardin, Laurence. (2011). Análise de conteúdo. *Edições*. São Paulo. 70. 229p. Recuperado em 14 de abril de 2020, de <https://ia802902.us.archive.org/8/items/bardin-laurence-analise-de-conteudo/bardin-laurence-analise-de-conteudo.pdf>.
- Bezerra, A. C. V., Silva, C. E. M., Soares, F. R. G. & Silva, J. A. M. (2020). Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. *Ciência & Saúde Coletiva*. 25 (1), 2411-2421. <http://doi.org.br/10.1590/1413-81232020256.1.10792020>.
- Boyt Schell, B. A., Gillen, G., & Scaffa, M. (2014). Glossary. In B. A. Boyt Schell, G. Gillen, & M. Scaffa (Eds.), *Willard and Spackman's occupational therapy*. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins. 12. 1229-1243. Recuperado em 10 de março de 2020, de <https://www.worldcat.org/title/willard-spackmans-occupational-therapy/oclc/793572332>.
- Braga, I. F., Melo, K. M. M., Monzeli, G. A., Leite Junior, J. D., Farias, M. N., & Correia, R. L. (2020). Crise da democracia brasileira e o cotidiano de pessoas dissidentes de gêneros e sexualidades: reflexões baseadas na terapia ocupacional social. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*. 28(2), 693-705. <http://doi.org.br/10.4322/2526-8910.ctoARF1958>.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2018). Manual de Análise do Vigitel no Epi Info (versão 7.2.2.6). *Secretaria de Vigilância em Saúde*. Brasília. Recuperado em 13 de abril de 2020, de <file:///C:/Users/User/Downloads/EPINFO%207%20MANUAL.pdf>.
- Bregalda, M. M., Braga, I. F. & Pereira, B. P. (2019). Conjuntura política brasileira e atuação da Terapia Ocupacional: impactos, retrocessos e desafios. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. Rio de Janeiro*. 3(4), 453-461. <http://doi.org.br/1047222/2526-3544rbto30032>.

Brynjolfsson, E., Horton, J. J., Ozimek, A., Rock, D., Sharma, G., TuYe, H. Y. Covid-19 and remote work: an early look at US data. (2020). *NBER Working Paper Series*. 1-26.

Recuperado em 03 de novembro de 2021, de

https://www.nber.org/system/files/working_papers/w27344/w27344.pdf.

Cardinalli I, et al. (2021) Constelações afetivas: cotidiano, atividades humanas, relações sociais e Terapia Ocupacional entrelaçados à cosmovisão Krenak. *Interface* (Botucatu). 25, e210262. <http://doi.org.br/10.1590/interface.210262>.

Christiansen, C., Baum, M. C., & Bass-Haugen, J. (Eds.). (2005). *Occupational therapy: Performance, participation, and wellbeing*. Thorofare, NJ: Slack. Recuperado em 11 de abril de 2020, de <https://silo.pub/occupational-therapy-performance-participation-and-well-being.html>.

Corrêa, V. A. C.; Nascimento, C. A. V. & Omura, K. M. (2020). Isolamento social e ocupações. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. Rio de Janeiro*. 4(3). 351-369.

<https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto34486>.

Cucinotta, D. & Vanelli, M. (2020). WHO Declares COVID-19: a pandemic. *Acta Bio Medica Atenei Parmensis*. 91(1). 157-160. <http://doi.org.br/10.23750/abm.v91i1.9397>.

Duarte, A. M. & César, M. R. A. (2020) Negação da Política e Negacionismo como Política: pandemia e democracia. *Educação & Realidade*, Porto Alegre. 45 (4), e109146.

<http://doi.org.br/10.1590/2175-6236109146>.

Freire, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. (2004). São Paulo: Paz e Terra. 25º ed. Recuperado em 25 de abril de 2020, de

<https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>.

Gajanigo, P., & Souza, R. (2021). A Pandemia e o Ordinário: apontamentos sobre a afinidade entre experiência pandêmica e registros cotidianos. *Sociedade E Estado*, 36(01), 37–60.

<http://doi.org.br/10.1590/s0102-6992-202136010003>

Galheigo, S. M. (2020). Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*. 28(1), 5-25. doi: 10.4322/2526-8910.ctoAO2590.

Guinancio, J. C., Sousa, J. G. M., Carvalho, B. L., Souza, A. B. T., Franco, A. A., Floriano, A. A. & Ribeiro, W. A. COVID – 19: Desafios do cotidiano e estratégias de enfrentamento frente ao isolamento social. (2020). *Research, Society and Development*. 9(8), p. e259985474. doi: 10.33448/rsd-v9i8.5474.

Gomes, J. G. N. (2021). Corpo fechado. Vende-se um elefante triste. *Produções do Ó*. 1.

Recuperado em 20 de abril de 2020, de <https://www.amazon.com.br/VENDE-SE-ELEFANTE-TRISTE-GABRIEL-GOMES-ebook/dp/B08T6DHK9S>.

Hinojosa, J., Kramer, P., Royeen, C. B., & Luebben, A. (2003). The core concepts of occupation. In P. Kramer, J. Hinojosa, & C. B. Royeen (Eds.), *Perspectives in human*

occupation: Participation in life. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins. 1º ed., pp.1-17. ISBN: 0781731615 9780781731614.

Lispector, C. (2002). Correspondências. *Organização de Teresa Montero*. Rocco. E-ISBN: 978-85-8122-573-9.

Quarentei, M. S. (2001) Conferência de encerramento: Terapia Ocupacional e Produção de vida. *VII Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional*. Porto Alegre. Recuperado em 12 de abril de 2020, de
file:///C:/Users/User/Desktop/Pesquisas%20TCC/TO%20e%20Produc%CC%A7a%CC%83o%20de%20Vida%20_%202001.pdf.

Quarentei, M. S., Paolillo, A. R., Silva, C. R., Freitas, H. I., Cardinalli, I., Ambrosio, L., Cardoso, P. T. & Ferigato, S. H. (2020). NÓS-EM-PANDEMIA: um ANTIManual do fazer em tempos de paradoxos na atividade. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. Rio de Janeiro*. 4(3). 302-317. <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbt034476>.

Malfitano, A. P. S., Cruz, D. M. C., & Lopes, R. E. (2020). Terapia ocupacional em tempos de pandemia: seguridade social e garantias de um cotidiano possível para todos. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(2), 401-404. <http://doi.org.br/10.4322/2526-8910.ctoED22802>.

Maximino, V. S. & Tedesco, S. Rotina, hábitos, cotidiano: no banal e no sutil, a trama da vida. (2016). Cotidiano, atividade humana e ocupação: perspectiva da Terapia Ocupacional no Campo da saúde Mental. *EDUFSCar*. 1º ed. ISBN-10: 857600433X.

Martins, J. S. (1998). O senso comum e a vida cotidiana. *Tempo Social*. 10(1), 1-8. doi: 10.1590/ts.v10i1.86696.

Brasil. Ministério da Saúde. (2018). Manual de Análise do Vigitel no Epi Info (versão 7.2.2.6). *Secretaria de Vigilância em Saúde*. Brasília. Recuperado em 13 de abril de 2020, de
file:///C:/Users/User/Downloads/EPINFO%207%20MANUAL.pdf.

Morin, E. (2001). *Os sete saberes necessários à educação no futuro*. São Paulo: UNESCO. Recuperado em 26 de abril de 2020, de
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/EdgarMorin.pdf>.

Ornell F., Schuch J. B., Sordi A.O. & Kessler F.H.P. (2020) "Pandemic fear" and COVID-19: mental health burden and strategies. *Braz J Psychiatry*. 42(3). 232-235. Epub 2020 Apr 3. Erratum in: *Braz J Psychiatry*. <http://doi.org.br/10.1590/1516-4446-2020-0008>.

Pais, J. M. (2003). *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez. ISBN-10: 8524909013.

Pavani, F. M., Silva, A. B., Olshowsky, A., Wetzel, C., Nunes, C. K. & Souza, L. B. Covid-19 e as repercussões na saúde mental: estudo de revisão narrativa de literatura. (2021). *Rev Gaúcha Enferm*. 42. <http://doi.org.br/10.1590/1983-1447.2021.20200188>.

Sallaberry, J. D., Santos, E. A., Bagatoli, G. C., Lima, P. C. M. & Bittencourt, B. R. Desafios docentes em tempos de isolamento social: estudo com professores do curso de Ciências

Contábeis. (2020). *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte. 10. 1-22. <http://doi.org.br/10.35699/2237-5864.2020.24774>.

Silva, A. H. & Fossa, M. I. T. (2015). Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Qualitas Rev. Eletrônica*. 17(1). 1-14. Recuperado em 10 de abril de 2020, de <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnEPQ129.pdf>.

Silva, D. B. (2020). Terapia Ocupacional, cotidiano e pandemia COVID-19: inquietações acerca do ocupar o tempo-espaço. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. Rio de Janeiro*. suplemento. 4(3). 529-553. <http://doi.org.br/1047222/2526-3544.rbto.34489>.

Tong, A., Sainsbury, P., & Craig, J. (2007). Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): a 32-item checklist for interviews and focus groups. *International Journal for Quality in Health Care*, 19(6), 349-357. <http://doi.org.br/10.1093/intqhc/mzm042>

Uchoa, B. B. (2019). Sempre haverá um alguém. *Um carinho na alma..* Editora Sextante. 1ºed. ISBN 9788543108070.

Wilcock, A. A., & Townsend, E. A. (2014). Occupational justice. In B. A. Boyt Schell, G. Gillen, & M. Scaffa (Eds.), *Willard and Spackman's occupational therapy*. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins. 12º ed, pp. 541–552. ISBN: 9781451110807 1451110804 9781451189070 1451189079.

World Federation of Occupational Therapists – WFOT. (2020). *Public Statement - Occupational Therapy Response to the COVID-19 Pandemic*. London: WFOT. Recuperado em 24 de outubro de 2021, de <https://www.wfot.org/about/public-statement-occupational-therapy-response-to-the-covid-19-pandemic#entry:22326>.